

Pai e pátria: Articulações poéticas em Robert Lowell

Stelamaris Coser

RESUMO: Com base na produção poética de Robert Lowell, este ensaio analisa alguns registros da relação de confronto e reaproximação entre o homem e a figura do pai, principalmente o pai biológico, mas também representações da autoridade tais como precursores literários, a família aristocrata, a mãe, o Pai eterno, a igreja e a pátria. A crítica e a teoria literária se aliam a pontuações de ordem sociológica e psicanalítica, em abordagem interdisciplinar que inclui temas como o nome próprio, a memória e o olhar, conjugados à escrita de si e à figura paterna.

Palavras-chave: Robert Lowell; poesia confessional; escrita de si; figura do pai; literatura e psicanálise.

[...] everything I write
with the threadbare art of my eye
seems a snapshot.
Robert Lowell, "Epilogue"ⁱ

Grande parte dos versos do poeta Robert Lowell é usada pela crítica literária para ilustrar o que foi batizado de "poesia confessional", caracterizada por linguagem e temas relacionados à experiência íntima e pessoal do autor. Indo muito além de um mero espelho narcisista, a importância da obra de Lowell foi anunciada em espaço público quando a revista *Time* de 02 de junho de 1967, em matéria de capa, declarou ter sido ele escolhido, "num raro consenso crítico, o melhor poeta americano de sua geração" (POETS, 1967).ⁱⁱ Avaliações semelhantes ou ainda mais amplas foram registradas por críticos e colegas poetas como, por exemplo, Elizabeth Bishop, que, em publicação brasileira, classificou Robert Lowell e Henry James como "os melhores representantes da literatura norte-americana" em geral (in LOWELL, 1962, p. 5-9).ⁱⁱⁱ Incluindo um *National Book Award* e dois Pulitzer, muitos foram os prêmios e honrarias que marcaram a carreira de Lowell até a morte em setembro de 1977, aos 60 anos, em meio a sua tumultuada relação com o poder e a história, tanto pública quanto privada.

Com base em momentos marcantes de sua produção poética, observam-se neste ensaio alguns registros da relação de confronto e reaproximação entre o homem e a figura do pai, principalmente o pai biológico, mas também representações da autoridade tais como os precursores literários, a família aristocrata, a mãe, o Pai eterno, a igreja cristã e a pátria, materializada e questionada em suas instituições e leis. Para tanto, convoca-se o apoio dos estudos literários em elaborações sobre períodos, tendências, imagens, o narrador e o eu-lírico, complementados com referências históricas e sociológicas e pontuações psicanalíticas relativas ao nome, à memória, ao olhar, à escrita de si e à figura paterna, numa abordagem necessariamente híbrida e interdisciplinar.^{iv}

A poesia como escrita de si: libertação de precursores

Entre vários livros de poesia e algumas peças teatrais, a produção poética mais marcante de Robert Lowell data do período situado entre a publicação da coletânea *Life Studies* (*Estudos de vida*), em 1959, e o último ano de sua vida, 1977, quando foi publicado *Day by Day* [*Dia a dia*]. Entre um e outro estão obras intermediárias importantes, como *For the Union Dead* [*Para a União morta*], de 1964,^v e *Notebook* [*Caderno*], de 1970.^{vi} Afastando-se da estética defendida pelo *New Criticism*, que marcou sua fase inicial, o poeta inaugura com essas obras um estilo aparentemente livre de preceitos estéticos que parece indicar o desejo de libertar-se da tradição e do formalismo de 'pais literários' como Allen Tate

e T.S. Eliot. Pode-se pensar no famoso conceito de “ansiedade da influência” [*anxiety of influence*], proposto por Harold Bloom em 1973 em obra de mesmo nome, que adota um esquema edipiano para explicar a relação conflituosa de admiração e rebeldia entre um autor e seus antecessores, abrindo caminho para o (possível) surgimento do novo na literatura.

A aproximação entre a obra poética e os conflitos públicos levou o crítico Richard Poirier (1974, p. 96) ao arroubo de afirmar que, além de escritor que revolucionou a poesia, Lowell se tornara “o historiador mais verdadeiro” do país. Nunca distanciado ou neutro, porém: em diversas etapas de sua carreira, mostra a história política impregnada nas memórias do passado e episódios da vida presente. Poemas revelam como o olhar atento ao espaço e às pessoas, tal como a máquina fotográfica, capta cenas e aspectos da realidade vivida e percebida pelo poeta, reconfigurada na escrita. Os versos de “Epílogo” – que iniciam e fecham este trabalho – expressam a dimensão do olhar por trás da câmera, sentido que perpassa toda a obra de Lowell e confere drama e foco a seu inspirado álbum de retratos.

A linguagem simples dos poemas narrativos em primeira pessoa parece contar ‘a história verdadeira’, saindo diretamente do coração e da mente do escritor, sem intermediário nem tradução. Os títulos de livros e poemas, muitas vezes denotando confiança e intimidade, associam-se a declarações que reivindicam para si o valor de revelação autêntica. No poema “Reading myself” [Lendo a mim mesmo], a obra é comparada ao caixão que guarda o corpo, ou tudo o que resta, do poeta: “This open book, my open coffin” (*Nbk*, 1970, p. 213).^{vii} É como se a obra completa, em versos interligados, um livro continuando o outro, narrasse a vida inteira do poeta, “one life, one writing” [uma vida, uma escrita], como registra o poema “Night sweat” [Suor noturno] (*FUD*, 1964a, p. 68). Para leitores expostos a textos tão envolventes, é quase impossível separar o eu lírico – que fala nos versos – do autor cuja arte e retórica são responsáveis pela criação, ainda que ele se projete como Outro na escrita.

Nas obras de Lowell, referências concretas a fatos, lugares e pessoas apontam o desejo do poeta de contar sua história e colocar-se no papel como se ali pudesse estabilizar-se; mas não eliminam seu poder de manusear, escolher, organizar e revisar indefinidamente, como de fato fazia, em busca da linguagem precisa e bela. Embora muitos críticos percebam nas constantes revisões feitas pelo poeta a obsessão pelo verso perfeito e a versão exata, Frank Bidart, poeta, professor, ex-aluno de Lowell no Kenyon College e depois seu editor, ressalta que as práticas de “repensar, retrabalhar, reimaginar e reescrever”, muito além da questão formal, são características “fundamentais” no tipo de escrita desejada por Lowell (BIDART, 1998, apud LASKIN, 1999). Mostram, também, o tipo de pessoa e os acontecimentos recorrentes, contestados e retomados, na vida de Lowell. Nas revisões e reescritas de seus versos, o poeta não só se reconstruía como também tentava reunir diferentes eus, assimilar versões opostas de pessoas e fatos, mesclar um passado e um presente conflitantes e, por vezes, irreconciliáveis.

De modo geral, os ‘novos’ versos livres de Lowell não são soltos nem anárquicos: cada composição, que reúne intenso lirismo, riqueza associativa, linguagem vigorosa e metáforas surpreendentes, foi submetida a um intenso processo revisório, o refazer contínuo e obsessivo do escritor e do homem. A crítica considera que o rótulo de poesia “confessional” foi estabelecido a partir do artigo “Poetry as Confession”, publicado pelo poeta e crítico M.L. Rosenthal na revista *The Nation*, em 19 de setembro de 1959. Na influente opinião de Rosenthal, havia um entremeado inconveniente e exagerado de confissões íntimas e revelações familiares não só na literatura recente de Lowell (a coletânea *Life Studies*), como num grupo de escritores relacionados, tendência que desabonava a alta literatura. Lowell detestava o termo, mas este se popularizou na identificação de um estilo que se propagaria e se estabeleceria na história da poesia do século XX, em muitas variações.^{viii} Na versão Robert Lowell, as elaborações de questões autobiográficas são reinventadas e com frequência enredadas em amplas questões políticas e sociais.

Pátria, Deus e família: conflitos e entrelaçamentos

Entre as datas de seu nascimento em 1917 e morte em 1977, o poeta atravessa períodos de intensa turbulência política e social em seu próprio país, além de grandes crises internacionais com a Segunda Guerra Mundial e as guerras da Coreia e Vietnam. Participa como ativista em várias manifestações políticas e é preso ao protestar tanto contra a Segunda Guerra, quanto contra a intervenção americana no Vietnam. Em carta ao jornal *Partisan Review* em 1966, Lowell acusa seu país de ser um "reino ascético, 'moral' e autoritário, misto de piedade e de dureza férrea" (LOWELL, 2005, apud KIRN, 2005).^{ix} Lowell não está absolutamente sozinho em meio ao caos, pois pertence a uma geração de escritores marcada pela angústia, pela revolta – e por alto índice de suicídios. Nas estatísticas se incluem, por exemplo, seus amigos e também poetas Randall Jarrell (1914-1965), John Berryman (1914-1972), Anne Sexton (1928-1975) e Sylvia Plath (1932-1963). O falecimento de Lowell aos 60 anos é consequência de "morte natural", como ele havia desejado e declarado em versos do poema "Death of a critic" (*DD*, 1977, p. 48), embora anunciada por uma lenta forma de suicídio. Deveu-se à doença cardíaca que o debilitara após décadas de alcoolismo, além do intenso sofrimento psíquico e as várias internações psiquiátricas, recorrentes após a morte do pai e da mãe (em 1950 e 1954). A obra poética registra ecos da vida real: "I thought my heart would break a thousand times", reconhece o eu que fala no poema "Records" (*Dol-SP*, 1976, p. 226).^x

Se, para Lowell, o passado recente se mostrava dramático e doloroso, a longa história política e militar da Nova Inglaterra e dos Estados Unidos já estava entranhada no sangue, nos laços familiares e nas casas que habitou o poeta. Bachelard (1978, p. 206) enfatiza que, além do nome e "das lembranças, a casa natal está fisicamente inscrita" em todos nós. Esse laço se revela bastante nítido nas referências à família nos versos de Lowell. Pelo lado da mãe, que pertencia às famílias Winslow e Stark, descendia de um dos peregrinos que em 1620 atravessaram o Atlântico no histórico *Mayflower* e fundaram a vila de Plymouth, depois capital da colônia de mesmo nome. Outro antepassado foi governador dessa primeira colônia puritana e comandou soldados contra os índios; ainda outro foi um general que lutou na Guerra da Independência contra a Inglaterra. No lado paterno, o legado familiar se compunha de oficiais militares de renome, parentes ricos e, ainda, nomes marcantes na história acadêmica e literária da Nova Inglaterra. Na lista há um presidente da universidade de Harvard, a mais conceituada de Massachussetts e talvez do país (onde Robert Lowell viria a ser aluno, por apenas dois anos e contra sua vontade); há o poeta, famoso no século XIX e também professor de Harvard, James Russell Lowell; e a poeta, menos convencional do que o anterior, Amy Lowell (que ganhou capa na revista *Time* em 1925).^{xi}

Por outro lado, o passado de antigas glórias esconde injustiças jurídicas e sociais que amargam a consciência do poeta e, agravando o quadro, o passar do tempo parece conduzir tanto a grandeza familiar quanto a nacional no rumo da esterilidade e da decadência. Em seus versos, Robert Lowell registra imagens da mãe ambiciosa e dominadora, do pai medíocre como oficial naval e em tudo o mais, da nação imperialista destituída dos antigos ideais. Em meio a tudo isso, o eu lírico se retrata cada vez mais sozinho, envelhecido e infeliz. Fragmentado sob a carga das tradições familiares e culturais que conflitam com seu desejo de justiça e liberdade, o escritor projeta o tempo pessoal e histórico nos poemas que escreve. Em declarações e entrevistas, o poeta expõe uma ambivalência paradoxal e sofrida quanto à moral puritana, à tradição guerreira e intervencionista, e ao orgulho nacional: "Acho que os princípios são inevitáveis, estão no meu sangue e tenho que lidar com eles. Mas todo o peso da minha crítica se volta contra eles, e isso de certa forma está se virando contra mim mesmo" (LOWELL, 1988, p. 128).

Em seu nome próprio completo, formal e solene, o quarto numa sequência de gerações masculinas – Robert Traill Spence Lowell IV –, o escritor norte-americano carregou, literalmente, não só o nome do pai como os de dois outros antepassados do lado paterno. A importância do nome próprio é abordada por Nicole Lapiere (1995, p. 177, apud PORGE, 1998, p. 11): "Receber um nome é achar-se humanamente acolhido na ordem instituída das gerações, mas é igualmente se achar classificado, sobreclassificado, ou desclassificado, às vezes". Além do patronímico e da responsabilidade para com os ancestrais, pesava demasiado em Lowell seu nascimento na cidade de Boston, estado de Massachusetts, tradicional centro WASP (*White Anglo-Saxon Protestant*) dos Estados Unidos. A complexa herança de berço subjaz muitos dos questionamentos e angústias que pulsam na obra do poeta.

A casa e a figura paterna assumem faces múltiplas e contraditórias. Nas memórias da infância, as "raízes inextricáveis" ("inextinguishable root", no poema "Grass fires", *DD*, 1977, p. 85) se encontram fincadas na casa imponente do avô materno, figura altiva, forte e brilhante, a incorporação de um passado glorioso que ele insistia em controlar, "like an admiral at the helm" [como um almirante no comando]. Com sua força e domínio, ele era o pai idealizado e desejado pelo Robert criança: "He was my Father. I was his son" (em "Dunbarton", *LS*, 1959, p. 65).^{xiii} Com ele o poeta aprendeu a amar a família Winslow, cheia de nomes que estão gravados em sua "autobiografia poética": o avô, a avó Mary, o tio Devereux, Warren Winslow, e a querida prima Harriet Winslow, doce e maternal (muito mais do que sua mãe), que deixou de herança ao poeta sua casa de praia em Maine. Simbolicamente, ela assume o papel materno ao dar-lhe a casa e acolhê-lo: "Harriet Winslow, who owned this house,/ was more to me than my mother" ("Soft wood", *FUD*, 1964a, p. 64).^{xiii}

As várias casas e seu poder simbólico são presenças constantes nos poemas de Lowell. Como assinala Bachelard (1978, p. 196-7, 201), a imagem da casa pode ser projetada como a "topografia de nosso ser íntimo", já que "Não apenas as nossas lembranças, mas também os nossos esquecimentos estão aí 'alojados'". Pelo devaneio e pelo sonho, assim como na poesia, "as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos [...] fixações de felicidade [...], lembranças de proteção". Em Lowell, a transferência do afeto e admiração para os avós e parentes parece denotar a busca de um pai e mãe 'verdadeiros' que correspondam ao sonho de harmonia da criança e do poeta. Na sólida residência dos avós maternos o menino encontrava afeto, proteção e conforto, mesmo que isso significasse uma estabilização provisória. Preferia a companhia deles à relação amargurada dos pais, os eternos devaneios dele, a infelicidade e o distanciamento dela, sua falta de demonstrações de amor ao marido e ao filho. Acompanhando o viés do olhar materno e na perspectiva da "maternidade da casa" (BACHELARD, p. 202), o olhar infantil enxergava o pai sempre fora de lugar, inseguro, incapaz, nada heróico ou viril: "[...] displaced, a fish out of the water" ("91 Revere Street", *LS*, 1959, p. 18).^{xiv}

Metáforas de deslocamento se repetem na obra de Lowell impulsionadas por esta imagem do pai, mas gradualmente contaminam a imagem de si mesmo que o poeta reconstrói no papel – já adulto, um eu que se descobre espelhado no pai, e igualmente fora de lugar. Deslocamentos acontecem nos versos também no sentido físico e temporal: são cruzamentos do oceano em navios; caminhadas pelas ruas; pessoas, gerações e tempos que parecem cruzar-se. Mas o deslocar se mostra, principalmente, de maneira metafórica: o pai terreno, a mãe, Deus e a pátria são deslocados do ideal sonhado e assombram a *Via Crucis* da persona que se expressa nos versos.

Parecendo retratos (os "snapshots" da epígrafe) de um álbum de família, os poemas de Lowell filtram e registram as memórias que restam de diversas etapas da vida familiar. Oficial naval sem vibração nem brilhantismo, o pai acabou deixando a Marinha em troca da instabilidade de um emprego atrás do outro, gastando assim a herança que lhe coubera. Os

pais vendem a casa elegante de endereço nobre e terminam numa casa padronizada de subúrbio e na periferia da grande tradição bostoniana. Depois de morto e enterrado no cemitério aristocrático das famílias Winslow e Stark, que mantinham sua "aura de diamante", o pai era, na percepção de Lowell, o único nome fora da história, plebeu e sem importância: "the only 'unhistoric' soul to come here/ was Father.[...] Even the Latin of his Lowell motto:/ Occasionem cognosce,/ seemed too businesslike here" (do poema "Sailing home from Rapallo", *LS*, 1959, p. 78).^{xv} Ingredientes 'reais' são reescritos ou inventados na composição poética, como ocorre, por exemplo, no caso do túmulo do pai. A pesquisa de Richard Tillinghast (1998, apud LASKIN, 1999) comprova que, ao invés da inscrição latina e seu caráter supostamente trivial e comercial, a lápide do pai na verdade exhibe um verso do próprio filho Lowell – em mais um deslocamento irônico.

Diversos poemas mostram um eu lírico que a princípio rejeita tanto a figura do pai biológico, percebido como impotente, incapaz de manter elevada a glória familiar, quanto as figuras de pai-senhor, ditadores e generais empunhando armas e leis. O passar do tempo e a idade madura, porém, conduzem o filho mais para perto daquele pai que antes desprezara e cuja figura parece ressuscitar, mais viva e semelhante a seu único filho pródigo: "At every corner,/ I meet my Father,/ my age, still alive" ("Middle-Age", *FUD*, 1964a, p. 7). A reconciliação acontece quando o homem já cansado e desesperançado consegue expressar ao pai um amor pouco dado em vida: "Age had joined us at last in the same study./ 'I have never loved you so much in all my life'" ("Father in a dream", *SP*, 1976, p. 191).^{xvi} O espelhamento se torna possível, nesse deslocar-se em direção ao pai, a partir do momento em que o filho admite a própria impotência e inadequação para lidar com o peso dos antepassados e o redirecionamento da própria história.

Associando o pai terreno à imagem do Pai eterno, a quem também renegara, o sujeito lírico dirige-lhe a palavra repetidas vezes, e pede humildemente perdão pelas injúrias verbais e a violência física que lhe havia causado. A cena de violência parricida evocada pela culpa faz lembrar considerações freudianas em *Totem e tabu*, onde o pai é respeitado como tal só após ter sido morto pela horda revoltada. "Father, forgive me my injuries" [...] "Father, I do not know how to unsay I knocked you down".^{xvii} O episódio de agressão física ao pai, ocorrido na vida real em 1936 (quando o jovem poeta decide sair da casa paterna, da universidade de Harvard e da cidade de Boston), é recontado em "Charles River" (*Nbk*, 1970, p. 67-8). Por ironia (e de novo com rastros judaico-cristãos e psicanalíticos), o filho, em processo de expiação, se descobre trilhando o mesmo calvário percorrido pelo pai, os dois reunidos agora pela linguagem, pelas pegadas idênticas, pelo corpo e pelo espírito: "You never climbed/ Mount Sion, yet left/ dinosaur/ death-steps on the crust,/ where I must walk" ("Middle-age", *FUD*, 1964a, p. 7).^{xviii}

Durante um período na década de 1940, talvez estimulado pela aproximação intelectual com a primeira mulher, Jean Stafford, e com o grupo de poetas do pequeno Kenyon College, em Ohio (para onde foi ao abandonar Harvard), o jovem Lowell se convertera ao catolicismo, ansioso por encontrar um sentido da vida distante da tradição familiar e do conservadorismo calvinista de seu lugar de origem. Se as imagens bíblicas são uma constante em seus poemas, assim também é o embate com Deus, acusado pelo poeta de ter abandonado o mundo e permitido que monstros ocupassem seu lugar. Segundo os versos de Lowell, os anos 1930 e 40 oferecem a comprovação dessa ausência de Deus, com ditadores cegos e selvagens assumindo o poder total na Europa e sacudindo o mundo: "In our time, God is an entirely lost person –/there were two: Benito Mussolini and Hitler,/ blind mouths shouting people into things" ("Words", *H*, 1976, p. 170).^{xix}

Na década de 1960, Lowell rejeita a violência cada vez mais disseminada e acusa o cristianismo de ser "uma máquina de tortura" associada ao poder: "And in good conscience, when Christianity/ ceases to be a torture machine, it stops" ("Christians", *Nbk*, 1970, p. 243).^{xx}

Constata, com pesar, que os Estados Unidos centralizam a força militar e econômica mundial e cometem desvarios internos e externos. De maneira semelhante ao que ocorreu com o pai, o poeta precisa conciliar revolta e devoção na relação com a pátria. O escritor irlandês Seamus Deane (1990, p. 8-9) já disse que "todos os nacionalismos têm uma dimensão metafísica", a crença num passado idealizado e num "caráter nacional" verdadeiro, altruísta e corajoso. Esta fé intensa interpreta o declínio como a queda daquele estado de graça e a perda das antigas qualidades essenciais, sentimentos que podem ser encontrados na poesia de Lowell.

Em conhecido ensaio publicado em 1967 nos Estados Unidos, o sociólogo Robert Bellah analisa o conjunto de nomes, documentos e datas que contribuem para a construção do nacionalismo naquele país, algo equivalente a uma "religião civil" cujos símbolos e princípios éticos transcendem o mundano e alcançam uma dimensão religiosa. Bellah cita Robert Lowell e seu texto sobre o *Gettysburg Address*, o brilhante discurso proferido por Abraham Lincoln em 1863, durante a Guerra Civil americana. Segundo Lowell, o discurso de Lincoln tornou-se definitivamente "um ato simbólico e sacramental" pelo qual o campo de batalha adquiriu uma significação simbólica grandiosa. "Para nós e para nosso país", diz Lowell, Lincoln "uniu os ideais jeffersonianos de liberdade e igualdade ao ato cristão sacrificial de morte e renascimento". O poeta assume ser parte integrante da multidão que continua a alimentar-se desses ideais nacionais: "Acredito que seja esse o significado que vai além de religião ou seita e além de guerra e paz, e que hoje é parte de nossas vidas como um desafio, um obstáculo e uma esperança" (LOWELL, 1964b, p. 88-89, apud BELLAH, 1967).^{xxi}

A fé nos ideais do passado se reflete na obra poética de Lowell, onde o respeito a alguns antepassados se justapõe ao orgulho de vê-los fazer parte da história do país. O avô Winslow parece conjugar a função simbólica paterna com os ideais dos "pais fundadores" do país, Jefferson, Washington e Lincoln, líderes que Lowell admirava. Fazendo lembrar a queda do mito do Sonho Americano estudada por Sacvan Bercovitch em *The American Jeremiad* (1978), Lowell lamenta a grandeza perdida e o fim das leis que um dia solidificaram a família e a nação, já que, segundo ele, "assim que essas crenças relaxam [...], alguma coisa terrível acontece" (LOWELL, 1988, p. 127). A cidade de Boston, antigo berço do ideal nacional, tornara-se centro de destruição e morte: "a city of murder, an American city"[uma cidade de assassinos, uma cidade americana] (*DD*, 1977, p. 83). Em poema sobre o pregador do século XVIII, Jonathan Edwards, nome importante na história de Massachusetts e da Nova Inglaterra, Lowell acusa o radicalismo calvinista, mas também lamenta a perda de esperança na Terra Prometida que os puritanos sonharam encontrar na América.

But where is paradise, each day farther
from the Pilgrim's blues for England
and the Promised Land.^{xxii}

("Jonathan Edwards in Western Massachusetts", *FUD*, p. 40-44)

Na década de 1970, cansado, sentindo-se próximo do fim, o poeta lamenta o sacrifício de inocentes, a morte de amigos e o sofrimento de tantas pessoas – como ele mesmo – que se desintegram em meio ao caos reinante. No poema "Abraham Lincoln" (*Nbk*, 1970, p. 171), contradizendo sua admiração anterior, acusa o ídolo nacional de ter exercido e estabelecido no país uma política de violência e tirania. Chora sobretudo a solidão pessoal, o envelhecimento, os amores frustrados, o desencanto geral de um tempo grotesco e inaceitável: "our unacceptable age" [nossa era inaceitável] ("Fetus", *DD*, 1977, p. 35). Os versos expõem a impotência diante do caos: "Really I can do little/ as little now as then,/ about the infernal fires" ("Grass fires", *DD*, p. 86).^{xxiii} Só então o ser fragilizado reconhece a importância do pai e da mãe, buscando o espelhamento naqueles que antes desprezara e já estavam mortos: "No one like one's Mother and Father ever lived;/ [...]/ Mother and Father, I try to receive you/ as if you were I, as if I were you" ("Returning", *SP*, 1976, 190). O título do poema assinala o

movimento de retorno após longo afastamento. No caso específico da mãe, a criança que cresceu no desamparo, qual filho indesejado, carente do amor materno, chega à meia-idade e aprende a reconhecer-se imperfeito, talvez até desumano. Após a morte, a mãe que tanto menosprezara é reconhecida e homenageada em sua complexidade humana: "It has taken me the time since you died/ to discover you are as human as I am.../ if I am" ("To Mother", *DD*, 1977, p. 79).^{xxiv} No reencontro imaginário o eu procura algum consolo e alívio, ainda que fugaz.

Memória e expiação: intertextos psicanalíticos e literários

A presente abordagem da obra poética de Robert Lowell se inspira em argumentos elaborados por Shoshana Felman na introdução de seu livro *Literature and Psychoanalysis* (1982, p. 5-10), seguindo duas vertentes principais. Em primeiro lugar, a ênfase na noção de "implicação" entre os dois campos de saber, sugerindo um envolvimento não-hierárquico e de articulações internas entre a literatura e a psicanálise, afastando-se da habitual "aplicação" (de fora para dentro e de cima para baixo) dos conceitos psicanalíticos à análise de obras literárias. Por conseqüência, o texto deve ser lido dentro de parâmetros *literários*, respeitando-se sua autoridade e voz (colocada no papel), mas sabendo-se, também, paradoxalmente, que ali está um trabalho de criação e invenção, uma elaboração de efeitos da linguagem, a ironia apontando para a ficção de autoridade inventada pelo poder retórico.

Desta maneira, as lembranças mais distantes e as mais recentes se reúnem e se transformam para compor, de forma delicada e pungente, os versos dos livros de Robert Lowell. Remetendo a Freud, Olga Soubbotnik (2008, p. 31) reflete sobre a parcialidade do material retido na memória, o qual, por sua vez, é de novo parcialmente pincelado em situações de análise. Ali ocorre "uma atividade de remodelagem, de seleção e de reordenamento dos traços de memória", distanciando-nos mais e mais do que 'realmente' ocorreu e do que foi 'de fato' apreendido pelo sujeito. O poeta Lowell também registra a mudança de cores que ocorre nas fotos capturadas do passado pela mente, tentando avaliar a exatidão do real. No poema "Water" [Água] (*FUD*, 1964a, p. 3), o eu lírico fala à amada: "Remember? We sat on a slab of rock./ From this distance in time,/ it seems the color/ of iris, rotting and turning purpler./.../ but it was only/ the usual gray rock/ turning the usual green/ when drenched by the sea".^{xxv} Com o olhar regendo a escrita, a água se movimenta e se desloca, tempos e amores se deslocam, cores e fatos se transformam no deslocamento contínuo do tempo.

De qualquer forma, mesmo consciente de que as impressões se distorcem e enganam, o poeta agarra-se à memória como possível fonte de vida que lhe resta e que merece ser preservada no papel. O passado é um peso sem fim, uma carga que mistura desde a matança de índios na era colonial e de vietnamitas no tempo presente, até a fantasia infantil de observar a mãe pelo buraco da fechadura. A cena do eu petrificado pelo olhar é recontada por Lowell em diversos poemas, como, por exemplo, "Art of the possible" [A arte do possível], *DD*, e "Eye and tooth" [Olho e dente], *FUD*. Os fantasmas insistem em persegui-lo passo a passo: "they won't stay gone" [eles se recusam a ir embora] (*Nbk*, 1970, p. 123). Mas certamente haverá uma razão para a presença deles, já que se recusam a abandoná-lo: "You cannot turn your back upon a dream,/ For phantoms have their reasons when they come" (*LWC-SP*, 1976, p. 22).^{xxvi}

O desamparo inicial parece tomar novas formas e ocupar cada vez mais espaço na obra do poeta à medida que aumenta o temor da morte. Em um de seus últimos poemas, o eu lírico, reconciliando-se com Deus e com os homens, incapaz de lutar contra a história e, quem sabe, tentando se perdoar, deseja que as memórias não o abandonem. Na verdade, o momento marca o reencontro consigo mesmo, com sua própria história: "I pray for memory" [Rezo pela memória] ("Turtle" [Tartaruga], *DD*, 1977, p. 98).

O professor e crítico francês Philippe Lejeune se dedicou a examinar dificuldades apresentadas pela escrita em primeira pessoa, particularmente na relação entre autor, personagem e narrador numa autobiografia. Embora tenha excluído a poesia das formas autobiográficas analisadas na versão inicial do seu *Pacto Autobiográfico* (1975), Lejeune irá explorar as interligações entre poesia, vida e memória na primeira década do século XXI. Todos gostamos de poemas e canções, "sobretudo quando dizem 'eu'", constata Lejeune (2008, p. 94), porque nos reconhecemos neles e porque "supomos que vêm diretamente da experiência e do coração do poeta". Dentro desse cenário, reconhece que não cabem certas perguntas sobre o texto poético, como, por exemplo, investigar nele qual seria "a parcela de confiança, de exercício literário, de encenação". Particularmente inspirado pelo escritor Michel Leiris (1901-1990), considerado pioneiro na literatura confessional moderna, Lejeune (p. 102) percebe nos "poetas da autobiografia", mesmo em montagens ou fragmentos, a "busca de uma verdade que escapa ao poder das narrativas ordinárias" e um "espaço generosamente cedido à colaboração do leitor".

Assim, além de emocionar e envolver o leitor, os textos de Lowell parecem acenar convites à exploração psicanalítica quando abordam a rejeição infantil ao pai em paralelo ao desejo da mãe, o deslocamento do ideal paterno para a figura do avô e do ideal materno para a prima Harriet. Estão registradas nos poemas diversas versões de Pai, desde o pai na realidade familiar a outras figuras de pai e chefe: o despótico violento, como Hitler; o pai poderoso, porém acolhedor, como o avô; e os admirados, mesmo controversos, pais da pátria, heróis da História. Num mesmo conjunto se inserem o pai rejeitado, o pai desejado, Deus, o país/pátria, a cultura e a lei. Françoise Samson (2000, p. 161, 165) elenca os dois pontos da interpretação freudiana que utiliza para analisar a *Carta ao Pai* de Kafka e que valem ser lembrados aqui: para Freud, "a fonte da criação artística está na infância do artista" e Deus "é uma grandiosa sublimação do pai".

É inevitável lembrar também do Joyce de *Um retrato do artista quando jovem*, escritor angustiado por conflitos com o pai, a pátria, igreja e Deus, ou, como disse Lacan, "sobrecarregado de pai". Quando Lacan retoma Joyce em seus ensinamentos sobre o Nome-do-Pai no Seminário XXIII, anuncia uma "interrogação sobre a arte" onde se lê: "Em que o artifício pode visar expressamente o que se apresenta de início como sintoma? Em que a arte, o artesanato, pode desfazer, se assim posso dizer, o que se impõe do sintoma? A saber, a verdade". Em diversos pontos nesse mesmo texto, Lacan recorre a trocadilhos na língua francesa para brincar com a mentira que se revela na fala, a parcialidade inevitável que tempera a verdade que se diz ou se sente, ou seja, o paradoxo da revelação supostamente verdadeira: "*ce qu'on dit ment*"; [...] "*senti-ment*" (LACAN, 2007, p. 23, 18, 37).

Enigmas persistem nos paradoxos poéticos e são respeitados aqui numa tentativa de preservar a obra como tal, sem reduzir interpretações nem sufocar a escrita. Lacan (p. 65) define enigma como "uma enunciação da qual não se acha o enunciado", o que não se distancia do sentido comum e antigo do termo, "qualquer coisa inexplicável para um observador", segundo o *Online Etymology Dictionary* (HARPER, 2001-2016). Nas contradições de seus versos, o poeta Robert Lowell quer afrontar o poder constituído e afastar-se dele, mas desliza numa repetição reiterada. Apesar (ou exatamente por causa) da impossibilidade de vislumbrar harmonia e liberdade no espaço da família, da nação ou do mundo, os versos alinhavam um apelo imaginário na reconciliação dolorosa entre o eu e os pais tanto no contexto da vida privada, quanto no espaço social e coletivo. Isso se dá à sombra de mitos bíblicos e do impulso político e histórico, sempre renovado, de destituir os chefes da horda primitiva (FREUD, 1913) e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, pela necessidade de preservar os pais da casa e da pátria.

As palavras e os versos mapeiam a crise da idade adulta, refazendo trilhas infantis, elaborando fantasias e traumas e, por fim, sentindo e dizendo "a verdade" possível (no sentido

dado por Lacan, 2007). Ao aproximar-se da velhice e da morte, o universo circundante parece cada vez mais desumano e árido. Os intensos questionamentos do texto em relação à lei parecem situar o poeta no mesmo círculo de quem *porta a lei*, autorizando-se através do eu que fala nos poemas.^{xxvii} Desta forma, a obra de Lowell faz lembrar o típico "retrato do artista" pintado por tantos escritores (BEEBE, 1968, p. 349). A escrita se faz no anseio pela permanência e pela superação da morte: o ser humano pode morrer, a vida pode acabar, mas o artista atinge a imortalidade através da reinvenção. Pessoas, laços e sentimentos ganham vida eterna nas fotografias do álbum de família, como escreve o poeta em "Epilogue" (*DD*, 1977, p. 127). Com a força do olhar imediatizado, mas tantas vezes reiterado, a escrita capta imagens, registra e immortaliza nomes e pessoas, retendo a memória e afirmando a sobrevivência mediante o nome, a palavra nomeada.

We are poor passing facts.
warned by that to give
each figure in the photograph
his living name.^{xxviii}

Pater, patria: Poetic articulations in Robert Lowell

ABSTRACT: Based on Robert Lowell's poetic work, this essay examines some instances of confrontation and rapprochement in the relation between man and the father figure, mainly the biological father but also representations of authority such as literary precursors, the aristocratic family, the mother, the Heavenly Father, church and country. Literary theory and critique gain additional insights from sociology and psychoanalysis, in an interdisciplinary approach that includes topics like the proper name, memory, and the eye, as they relate to the writing of the self and the father figure.

Keywords: Robert Lowell; confessional poetry; writing of the self; father figure; literature and psychoanalysis.

Notas explicativas

ⁱ Tradução livre: "Tudo que eu escrevo/ com a arte corroída do meu olhar/ parece foto instantânea" ("Epílogo"). Original in: LOWELL, 1977, p. 127.

ⁱⁱ É de responsabilidade da autora a tradução livre dos trechos citados no texto de obras publicadas e referenciadas em inglês.

ⁱⁱⁱ A publicação dos *Cadernos* e a viagem de Lowell (e de outros intelectuais americanos proeminentes) ao Brasil – onde se encontrava a amiga Elizabeth Bishop – foram subsidiadas pelo governo americano, em época de tentativas de aproximação com a América do Sul, no contexto da Guerra Fria.

^{iv} Em antecipação aos 100 anos do nascimento de Robert Lowell em 2017, revisito pontos da minha Dissertação de Mestrado *O tempo de Robert Lowell* (UFRJ, 1982).

^v A "união" do título evoca tanto o país quanto o casamento do poeta com Elizabeth Hardwick, ambos em crise.

^{vi} Para evitar alongamento e repetição, as obras de Lowell serão citadas no texto com iniciais ou abreviaturas: *Lord Weary's Castle* (LWC) *Life Studies* (LS), *For the Union Dead* (FUD), *Notebook* (Nbk), *History* (H), *The dolphin* (Dol), *Selected Poems* (SP) e *Day by Day* (DD).

^{vii} "Este livro aberto, meu caixão aberto".

^{viii} Continuam em voga tanto as variações da "escrita de si" (LEJEUNE; ARFUCH; FIGUEIREDO, etc.), quanto acusações de superexposição, por exemplo, em críticas à poesia atual dos Estados Unidos (PIRES, 2015) e também a obras de autoficção popularizadas na França e no Canadá (BARROS, 2010).

^{ix} No original: "an ascetic, 'moral' and authoritarian reign of piety and iron".

^x Em tradução livre: "Pensei que meu coração fosse partir mil vezes".

^{xi} Os sobrenomes Lowell e Winslow se assemelham na inclusão, em posição invertida, do vocábulo *low*, que significa baixo ou triste, e se aproxima gráfica e foneticamente de *law*, lei – lei que se pode extrair do Nome do Pai.

^{xii} "Ele era meu Pai. Eu era seu filho".

-
- xiii "Harriet Winslow, a quem pertencia esta casa,/ era mais para mim do que minha mãe".
- xiv "deslocado, um peixe fora d'água".
- xv Em tradução livre: "a única alma não 'histórica' a vir para cá/ foi meu pai.[...] Até o latim no brasão da família Lowell:/ *Occasionem cognosce*,/ parecia comercial demais aqui".
- xvi Em tradução livre, versos dos dois poemas acima citados: (1) "Em cada esquina,/ encontro meu pai,/ da minha idade, ainda vivo"; e (2) "A idade nos reuniu finalmente na mesma sala./ 'Nunca te amei tanto em toda minha vida'".
- xvii "Pai, perdoa minhas ofensas"[...]"Pai, não sei como reverter o fato de que o derrubei ao chão".
- xviii "Você não subiu o Monte Sião/, mas deixou pegadas de um dinossauro agonizante/ na crosta dura/ onde devo andar".
- xix "Em nossa época, Deus é uma pessoa totalmente perdida – / havia dois: Benito Mussolini e Hitler,/ bocas cegas berrando ordens às pessoas".
- xx "E em sã consciência, quando o cristianismo/ deixa de ser uma máquina de tortura, ele acaba".
- xxi Na citação feita por Bellah: "The Gettysburg Address is a symbolic and sacramental act. Its verbal quality is resonance combined with a logical, matter of fact, prosaic brevity.... In his words, Lincoln symbolically died, just as the Union soldiers really died—and as he himself was soon really to die. By his words, he gave the field of battle a symbolic significance that it has lacked. For us and our country, he left Jefferson's ideals of freedom and equality joined to the Christian sacrificial act of death and rebirth. I believe this is the meaning that goes beyond sect or religion and beyond peace and war, and is now part of our lives as a challenge, obstacle and hope". Cf. http://www.robertbellah.com/articles_5.htm.
- xxii "Mas onde está o paraíso, cada dia mais distante/ da nostalgia dos Peregrinos pela Inglaterra/ e pela Terra Prometida". A palavra '*blues*' do original, melancolia, nostalgia, tristeza, traz um referencial cultural difícil de traduzir, pois remete, ironicamente, tanto ao passado colonial quanto ao futuro do país, com a música 'profana' dos negros que expressa, também, a ânsia pela Terra Prometida distante.
- xxiii "Na verdade, tenho pouco a fazer/ tanto agora como antes,/ a respeito do fogo do inferno".
- xxiv Tradução livre de dois trechos de poemas: (1) "Nunca houve alguém igual ao pai e a mãe de uma pessoa/ [...] / Mãe, Pai, tento receber vocês/ como se vocês fossem eu/, como se eu fosse vocês"; e (2) "Levou-me todo esse tempo, desde que você morreu,/ para descobrir que você é tão humana quanto eu sou.../ se é que sou".
- xxv "Você se lembra? Sentamos numa laje de pedra./ Agora tão distante no tempo,/ parece da cor / da íris, apodrecendo e ficando mais roxa./.../ mas era apenas/ a pedra cinza costumeira/ virando verde como sempre/ quando encharcada pelo mar".
- xxvi "Você não pode virar as costas a um sonho,/ Pois os fantasmas têm suas razões para aparecer".
- xxvii Agradeço ao colega professor e psicanalista Alberto Murta a leitura atenta deste trabalho e as perspicazes observações sobre os poemas.
- xxviii Os versos pungentes trazem ecos shakespearianos: "Somos fatos transitórios, insignificantes,/ e por isso alertados a dar/ a cada vulto na fotografia/ o seu nome em vida".

Referências

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

AXELROD, S.G. Lowell, Robert. In: PERKINS et al. (Eds.). *Benet's Reader's Encyclopedia of American literature*. 1 ed. New York: Harper Collins, 1991. p. 643-645.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: *A poética do espaço e outros textos*. Seleção de J.A.M. Pessanha. Tradução de A.C. Leal e L.V.S. Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 182-354. (Coleção Os pensadores).

BARROS, J. E. A autoficção em um beco sem saída. *Sibila: Revista de poesia e crítica literária*, São Paulo, v. 16, 25 ago. 2010. Disponível em: <http://sibila.com.br/cultura/a-autoficcao-em-um-beco-sem-saida/3889>. Acesso em: 03 fev. 2016.

BEEBE, Maurice. The artist as hero. In: JOYCE, James. *A Portrait of the Artist as a Young Man*. New York: Viking, 1968. p. 340-357.

BELLAH, Robert N. Civil Religion in America. *Daedalus: Journal of the American Academy of Arts and Sciences*, v. 96, n. 1, p. 1-21, Winter 1967. Reprinted online. Disponível em: http://www.robertbellah.com/articles_5.htm. Acesso em: 19 jan. 2009.

BERCOVITCH, Sacvan. *The American Jeremiad*. Madison: University of Wisconsin, 1978.

BIDART, Frank. You Didn't Write, You Rewrote; lecture. In: *Celebration of Robert Lowell*, event held by *The Kenyon Review*. Gambier, Ohio: Nov. 1998.

BLOOM, Harold. *The anxiety of influence: a theory of poetry*. New York: Oxford University, 1973.

COSER, Stelamaris. *O tempo de Robert Lowell*. 1982. 93 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Norte-Americana) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1982.

DEANE, Seamus. Introduction. In: EAGLETON, T; JAMESON, F.; SAID, E. *Nationalism, colonialism and literature*. Minneapolis: University of Minnesota, 1990. p. 3-19.

FELMAN, Shoshana (Ed.). *Literature and Psychoanalysis: the question of reading, otherwise*. Baltimore; London: The Johns Hopkins University, 1982.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013.

FREUD, Sigmund (1913). *Totem e tabu*. In: _____. *Obras psicológicas completas*. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XIII, p. 20-191.

HARPER, Douglas. *Online Etymology Dictionary*. 2001-2016. Disponível em: http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=enigma. Acesso em: 17 maio 2016.

JOYCE, James. *A Portrait of the Artist as a Young Man; Text, Criticism, and Notes*. Ed. Chester G. Anderson. New York: Viking, 1968. (The Viking Critical Library).

KIRN, Walter. The passions of Robert Lowell. *The New York Times*, June 26, 2005. Sunday Book Review. Review of *The letters of Robert Lowell*, Ed. Saskia Hamilton. New York: Farrar, Straus & Giroux, 2005. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2005/06/26/books/review/26KIRNL.html>. Acesso em: 20 set. 2008.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro XXIII: o Sinthoma, 1975-1976*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Sergio Laia; revisão André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LAPIERRE, Nicole. *Changer de nom*. Paris: Stock, 1995.

LASKIN, Dan. Kenyon celebrates Robert Lowell. In: *Kenyon College Alumni Bulletin*, v. 21, n. 3, 1999. Disponível em: <http://bulletin.kenyon.edu/x1500.xml>>. Acesso em: 20 set. 2008.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Organização de Jovita M.G. Noronha. Tradução de J.M.G. Noronha e M.I.C. Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

-
- LOWELL, Robert. *Life Studies*. New York: Farrar, Straus & Cudahy, 1959.
- LOWELL, Robert. *Quatro poemas*. Tradução e Introdução de Elizabeth Bishop: Algumas notas sobre Robert Lowell. Rio de Janeiro, s/ed., 1962. (Série Cadernos Brasileiros, n. 1).
- LOWELL, Robert. *For the Union dead*. New York: Farrar, Straus & Giroux, 1964a.
- LOWELL, Robert. On the Gettysburg Address. In: NEVINS, Allan (Ed.). *Lincoln and the Gettysburg Address*; Commemorative papers. Urbana, Ill.: University of Illinois, 1964b. p. 88-89.
- LOWELL, Robert. *Notebook*. New York: Farrar, Straus & Giroux, 1970.
- LOWELL, Robert. *Selected Poems*. (from *Lord Weary's Castle*; *The Mills of the Kavanaughs*; *For Lizzie and Harriet*; *History*; and *The Dolphin*). New York: Farrar, Straus & Giroux, 1976.
- LOWELL, Robert. *Day by Day*. New York: Farrar, Straus & Giroux, 1977.
- LOWELL, Robert. A poet talks about making history into theater; interview to A. Alvarez, 1976. Cap. 16. In: _____. *Interviews and memoirs*. Ed. Jeffrey Meyers. Ann Arbor: The University of Michigan, 1988. p. 124-28.
- LOWELL, Robert. *The letters of Robert Lowell*. Ed. Saskia Hamilton. New York: Farrar, Straus & Giroux, 2005.
- PIRES, F. Q. Críticos decretam o fim da poesia americana. *Carta Capital*, São Paulo, n. 832, 09 jan. 2015. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/revista/832/criticos-decretam-o-fim-da-poesia-americana-5456.html>. Acesso em: 04 maio 2016.
- POETS: The second chance. *Time*, 02 jun 1967. Disponível em: <http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,902090,00.html>. Acesso em: 20 set. 2008.
- POIRIER, Richard. For the Union dead. In: PRICE, Jonathan (Ed.). *Critics on Robert Lowell*. London: George Allen & Unwin, 1974. p. 92-96.
- PORGE, Erik. *Os nomes do pai em Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.
- ROSENTHAL, M.L. Poetry as confession. *The Nation*, New York, p. 154-5, 19 Sep.1959. Reprinted in PRICE, Jonathan (Ed.). *Critics on Robert Lowell*. London: George Allen & Unwin, 1974. p. 71-75.
- SAMSON, Françoise. Carta ao pai. Tradução A.T. Ribeiro. *A prática da letra*, Escola Letra Freudiana, Rio de Janeiro, v.17, n. 26, p.159-170, 2000.
- SOUBBOTNIK, Olga M.M.C.S. Freud e o processo de desenvolvimento cultural. In: SOUBBOTNIK, O.; SOUBBOTNIK, M. (Orgs.). *Enlaces: Psicanálise e conexões*. Vitória: GM, 2008. p. 28-56
- TILLINGHAST, Richard et al. Lowell on the page; Panel. In: *Celebration of Robert Lowell*, event held by *The Kenyon Review*. Gambier, Ohio: Nov. 1998.

Data: 18 de maio de 2016.